

## Ciência da informação: uma ciência, uma revista

**Solange Puntel Mostafa**

### **Resumo**

*Discute a interdisciplinaridade como ruptura, para compreender a ciência informação na sua natureza interdisciplinar.*

### **Palavras-Chave**

*Interdisciplinaridade; Ciência da Informação.*

Ciência e revista científica guardam fenômenos similares: crescimento exponencial e o correlato da dispersão.

Esses dois fenômenos pedem uma análise da relação entre disciplinaridade e interdisciplinaridade, especialmente em relação à ciência da informação exhaustivamente analisada em número anterior desta mesma revista<sup>1</sup>. Tal exaustividade, contraditoriamente, coloca uma necessidade de interpretação.

A ciência da informação possui uma natureza interdisciplinar. Atestaram-no vários autores<sup>2</sup>. Contraditoriamente, ciência da informação é uma disciplina. Como entender esta relação? Há duas formas de entender a interdisciplinaridade.

A realidade nunca se nos oferece plena e completa, apesar de ser plena e completa. Mas o espírito humano aspira à totalidade do real. O sonho da totalidade é de fato um sonho a que o espírito humano aspira. Como realizar o sonho?

O homem se aproxima da realidade. O seu movimento será sempre o de aproximação. Essa aproximação é representada pelas diversas disciplinas. Ser uma disciplina é se aproximar da realidade com uma certa disciplina. São os recortes possíveis. É impossível deixar de recortar. E em recortando deixamos sempre pedaços para trás. É a comunidade científica (e apenas ela) quem define onde fazer os cortes e como encaminhar métodos de estudar os pedaços recortados do real. Ao cortar pedaços, geram-se contradições. Tanto no interior dos pedaços recortados, quanto na relação dos recortes, entre si. Pois sempre é possível recortar pedaços de quaisquer tamanhos. Os espaços que sobram entre os cortes (espaços que a partir de agora podemos entender como espaços contraditórios) são espaços interdisciplinares. São espaços contraditórios por natureza, isto é, por nascimento. A interdisciplinaridade não é um *a priori* a que aspiram os homens de boa vontade. Ela não é um ato de boa vontade dos espíritos cosmopolitas. A interdisciplinaridade é a contradição inevitável gerada pela hiper-racionalização a que chegou a

ciência moderna . Produto e resultado da dispersão do conhecimento. Está aí. Ninguém vai decidir se quer ou não ser interdisciplinar . *It does not have to be searched for. It is there,* expressa-se Saracevic <sup>3</sup> , referindo-se à interdisciplinaridade da ciência da informação, cujo processo é o mesmo para todas as ciências.

Vivemos a contradição entre a continuidade do mundo e a descontinuidade do saber <sup>4</sup> . A realidade é sempre empírica e contínua. O saber é sempre descontínuo e teórico na medida em que as ciências segmentam e recortam os seus objetos.

Há duas formas de encarar essa realidade contraditória: ou reconhecêmo-la como contraditória e aprofundamos essas contradições, entendendo-as como áreas problemáticas que precisam de aprofundamento (portanto precisam de novas configurações disciplinares: ser interdisciplinar é ser, contraditoriamente, disciplinar) ou agimos por somatório de disciplinas em busca do Santo Graal, iludindo-nos 'com a possibilidade do objeto integral e do saber total, como se a falta da interdisciplinaridade pudesse por si ultrapassar a história e não fosse, ao contrário, parte dela' <sup>5</sup> .

Ciência da informação é uma nova configuração temática. Nasce no entremeio contraditório entre as disciplinas sociais tecnológicas e no espaço deixado por recortes já instituídos pela biblioteconomia e demais ciências sociais. Ciência da informação nasce ao lado de outras configurações como a do processamento automático de dados, a análise de sistemas, a cibernética, a inteligência artificial, a pesquisa operacional, a psicologia cognitivista, todas ciências novas (disciplinas novas) datadas de 1950 em diante.

A biblioteconomia, ao recortar o seu objeto, deixou escapar o fluxo informacional com seus canais de comunicação; ao invés, preocupou-se com o registro e recuperação dos estoques bibliográficos na forma de classificação e catalogação de documentos. Estudava-se em biblioteconomia a forma correta de fazer catálogos e referências bibliográficas; preocupava-se com tipologias de catálogos (sistemático, onomástico) e com tipologias classificatórias do conhecimento.

Preocupações importantes, mas cuja importância o desenvolvimento de novas tecnologias ao lado do desenvolvimento da própria ciência veio remodelar. Ninguém vive sem autor e título: todos temos nomes bem como damos nomes às ruas, às palestras, aos seminários, aos livros, às áreas do conhecimento e às revistas científicas. São de fato entradas. Como entradas, catalogar e classificar tornaram-se atividades-chave da biblioteconomia. O desenvolvimento da ciência veio mostrar que, para entrar, era preciso mais que autor e título. E começou-se pela permutação de palavras do título. O índice KWIC foi um dos primeiros desenvolvimentos da nova ciência da informação e só foi possível com o desenvolvimento da automação. A ciência da informação se constituiu como disciplina no espaço vazio que a biblioteconomia deixou de ocupar (não porque não quis; não precisou). Ao precisar, uma nova caixa de ferramentas estava sendo preparada na forma de uma nova ciência que cuidaria das redes cognitivas de pesquisadores, dos canais e fluxos informacionais, procedimentos de busca e indexação impossíveis de serem pensados sem processos automatizados. É justamente por isso que se diz que a ciência da informação é uma ciência devedora das novas tecnologias. Hoje é fácil falar em redes

cooperativas para bibliotecas ou *softwares* integrados para bibliotecas, pois a biblioteca se beneficia dos desenvolvimentos daquelas novas

configurações, devolvendo-lhes problemas a resolver. O percurso histórico, contudo, precisa ficar mais claro. A ciência da informação se constituiu como disciplina no espaço do meio entre a biblioteconomia e as comunicações. A área de comunicações nunca se propôs a trabalhar a comunicação científica no interior da produção científica; ela sempre visou a comunicação científica nos meios de massa; a área de comunicações trabalha com as notícias de ciência nos jornais e teve, por exemplo. Mas nunca foi sua preocupação entender a produção científica enquanto uma rede de citações. Isso foi a ciência da informação. Das comunicações a ciência da informação absorveu a questão mesma do processo de comunicação; entendeu já no início que a informação flui por um processo de comunicação, concentrando-se no processo de comunicação na ciência. Como este processo passa por canais, a ciência da informação passou a ser a ciência dos canais. A ciência da informação é por isto quase uma ciência das revistas científicas.

O mesmo processo se passa com as revistas científicas, chamadas por isso de espelhos da ciência<sup>6</sup>. Revistas nascem, desenvolvem-se, morrem e dão lugar a novos espaços, a novas revistas. Descontinuidade muitas vezes interpretada como falha nos fichários dos bibliotecários. Tais falhas muitas vezes dizem respeito a desvios para outros espaços epistemológicos.

É certo que muitas histórias das revistas científicas brasileiras contam histórias de vidas passadas: edições irregulares, quadrimestralidade (no melhor dos casos), contrastando com revistas estrangeiras mensais ou bimensais, ausência de políticas editoriais claras, ausência de assinaturas (pesquisadores não assinam revistas científicas) e quase ausência de leitores. Questões materiais sejam de aspectos intrínsecos, como o julgamento dos pares, sejam de aspectos extrínsecos, como tiragem, periodicidade, distribuição, indexação e normas técnicas, precisam também levar em conta a materialidade social da produção científica. Quaisquer dos aspectos intrínsecos e extrínsecos sofrem determinações sociais não muito visíveis na materialidade do documento. Aliás, a superação do documento foi uma das promessas mais fortes da nova ciência da informação em relação à configuração temática já estabelecida pela biblioteconomia. Promessa que só em parte a ciência da informação cumpriu. Os 30 anos da nova ciência já deixam ver novos espaços que essa mesma ciência não conseguiu tratar, carregada que esteve, desde o início, do positivismo das ciências duras: analistas de cultura e economistas são quem analisam a teoria (problemática) das três fases da produção social: agricultura, indústria e fase informacional ou de serviços. Temas que não são exclusivos da ciência da informação. São as tais pressões de que fala Saracevic<sup>7</sup> as quais trariam na visão otimista do autor, mais cooperações interdisciplinares. Não entendo a interdisciplinaridade como cooperação. A relação entre os campos não é de complementação ou cooperação, mas de ruptura. Do contrário, essa ciência da informação seria uma superciência, capaz de absorver quaisquer pressões. Aliás, essa tem sido a dificuldade ao traçarmos o perfil epistemológico da ciência da informação: a ideia de que ela tudo pode, de que no meio de todas as disciplinas está a ciência da informação como uma espécie de ciência régia. Não é fácil admitir os limites de uma ciência. Sem limites, ela será sempre emergente e se tal, quando virá o período de aprofundamento? Ciência da informação já é um recorte, já é um aprofundamento. Ao se constituir como ciência, ela

aprofundou as contradições de um certo espaço que estava lá entre a biblioteconomia e as comunicações. Aprofundando este espaço, desenvolveu métodos próprios. O espaço ocupado pela ciência da informação não vai ficar maior ao listar as ciências afins. Por exemplo, Saracevic (idem) lista quatro: biblioteconomia, ciência da computação, ciências cognitivas e comunicação. Como essa, várias outras listas poderiam ser traçadas e de fato o são desde o surgimento da ciência da informação. Embora útil, as listas não dão conta da especificidade dos espaços do meio, sempre tensos. Trata-se de contradições as quais geram rupturas, gerando novos campos de atuação. O espaço que a ciência da informação ocupa é contraditório no sentido em que contradiz (nega) as demarcações anteriores: não é mais biblioteconomia; também não é mais comunicações; é ciência da informação, a qual, se aprofunda algumas questões, também deixa outras em aberto; resolve (aprofunda) algumas contradições, mas também gera outras uma vez que toda demarcação é limitante.

Aqui é preciso abandonar a lógica formal e o princípio de literalidade. Não basta só visualizar os espaços que ficam ao lado. Juntos, eles acabam criando espaços no meio das disciplinas. A ciência da informação, ao recortar seu objeto, deixa problemas para fora do seu círculo. Outras configurações podem surgir daí. Aliás, há problemas nos automatismos de todas essas ciências novas referentes ao artificialismo da sua inteligência. Inteligência artificial, ciência da informação, processamento automático de dados são áreas a espera de uma hermenêutica que lhes dê o sentido e a interpretação de suas mensagens. Uma área fundante para a ciência da informação é o tratamento da linguagem, pouco desenvolvido pela biblioteconomia e de difícil desenvolvimento também pelos cientistas da informação, porque envolve aprofundar dispositivos desenvolvidos em outras áreas, como a lingüística, a qual, outra vez, como disciplina, também remodela seus espaços de conhecimento, aprofundando áreas (áreas de concentração) cujo resultado é a fundação ou a configuração de novas disciplinas. Por exemplo, a análise de discurso é uma disciplina constituída, na visão de alguns dos seus analistas, no entremeio entre a lingüística e as ciências sociais<sup>8</sup>. As áreas de concentração são, pois, áreas de contradição. É no ponto onde a concentração está sendo exigida que está a contradição — é o lugar de novas ciências e de novas revistas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>1</sup> *Ciência da Informação*/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. v.24 (1), 1995.

<sup>2</sup> SARACEVIC, T. *Interdisciplinary nature of Information Science*. *Ci.Inf.*, Brasília, v.14 (1), p.36-41, jan./abr. 1995; PINHEIRO, L V.R & LOUREIRO, J.M.M. Traçados e limites da Ciência da Informação. *Ci.Inf.*, Brasília, v.14 (1), p. 42-53, jan./abr. 1995; BRAGA, M.G. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. *Ci.Inf.*, Brasília, v.14 (1), p. 84-88, jan./abr. 1995.

<sup>3</sup> SARACEVIC, T. Idem, p. 37.

<sup>4</sup> ORLANDI, E. P. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 34.

<sup>5</sup> ORLANDI, E. P. Idem p. 35.

<sup>6</sup> VALERIO, P. M. *Espelho da ciência; avaliação do programa setorial de publicações em Ciência e Tecnologia da FINEP*. Rio de Janeiro/Brasília: FINEP/IBICT, 1994. 160 p.

<sup>7</sup> SARACEVIC, T. Idem p.39-40.

<sup>8</sup> ORLANDI, E. P. Idem p.42

## **Information science: a science, a journal**

### **Abstract**

*Interdisciplinarity is viewed as rupture instead of cooperation to understand information science in its interdisciplinarity nature.*

### **Keywords**

*Interdisciplinarity; Information Science.*

### **Solange Puntel Mostafa**

Professora titular do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

E-mail: solange@aleph.com.br

---